

## ARQUITETURA MODERNA DE CAMPINAS: O CASO CENTRO DE CONVIVÊNCIA CULTURAL

Silvia Cristina Denardi Roveroni  
Mestranda em História da Arte - UNICAMP

### Resumo

Nas décadas de 1930 até final de 1970 a arquitetura moderna encontra um cenário propício para o seu desenvolvimento na cidade de Campinas. Dentre os edifícios realizados neste período destaca-se o Centro de Convivência de Campinas, projeto premiado do arquiteto Fábio Penteadó, concluído em 1975. Apontado como importante centro cultural da cidade encontra-se hoje em estágio de degradação; a edificação que já possuía problemas técnicos desde sua inauguração acompanhou no decorrer dos anos o agravamento dos mesmos. Neste contexto algumas questões se tornam importantes: dentro da memória coletiva de Campinas o Centro de Convivência tem um valor simbólico; se caracteriza como um representante autêntico da produção arquitetônica moderna brasileira; possui um valor artístico excepcional. Partindo deste tema, a análise do Centro de Convivência de Campinas só se faz profícua se realizada em conjunto com sua contextualização frente à aplicação das leis de proteção dos bens patrimoniais e as políticas nacionais de preservação; possibilitando obter critérios que auxiliem na identificação e valorização dos bens patrimoniais públicos campineiros.

**Palavras-chave:** arquitetura, moderna, Campinas.

**Key Words:** architecture, modern, Campinas.

Na cidade de Campinas, nas décadas de 1930 até final de 1970, graças a sua proximidade com a cidade de São Paulo e por sua importância como centro regional industrializado, a arquitetura moderna encontra um cenário propício ao seu desenvolvimento: a transformação de cidade rural para urbana, a implantação do Plano de Melhoramentos Urbanos, desenvolvido por Prestes Maia, tornou favorável o desenvolvimento de edifícios representativos para a cidade, muitos dos quais seguiram os preceitos da arquitetura racionalista européia. (BADARÓ, 1996)

A arquitetura racionalista européia, cujos principais representantes são Walter Gropius, Mies Van Der Rohe e Le Corbusier, surge frente à industrialização e ao desenvolvimento de novos materiais como o concreto

armado propondo uma arquitetura com formas simplificadas, determinadas por suas funções e executadas com materiais standardizados.

Os conceitos europeus foram amplamente disseminados no Brasil pelas visitas de Le Corbusier, em 1929 e 1936, sendo que nesta segunda visita o mesmo assessorou a equipe de arquitetos encarregados pelo projeto do edifício do Ministério da Educação, de 1945, e pelas modificações no sistema de ensino da ENBA, feitas por Lucio Costa em 1930. Neste período, favorecido pelo contexto histórico brasileiro, muitos arquitetos, dentre os quais Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Reidy, Villanova Artigas, entre outros, criaram uma identidade brasileira da arquitetura moderna racionalista. (BRUAND, 1981)

Campinas, em 1930, passava por uma crise urbana que estava atrelada às transformações sócio-econômicas. O fato de consolidar-se como cidade urbana e industrial trouxe conseqüências desordenadas quanto à ocupação e apropriação do solo, tanto pela implantação de unidades industriais como habitacionais; esses fatores propiciaram a contratação do Plano de Melhoramentos, executado por Prestes Maia, em 1934, o qual objetivava ordenar o crescimento da cidade.

O Plano de melhoramentos contou com duas fases: a primeira, de 1934 a 1955, momento em que se dão a concepção do plano e sua lenta implantação; e a segunda, de 1956 a 1962, em que o plano é realmente implementado, ocorrendo as desapropriações, o crescimento das construções na área central da cidade e a conseqüente modificação da arquitetura campineira. (BADARÓ, 1996)

Nos grandes centros urbanos, em meio às mudanças arquitetônicas, SEGAWA (1998) classifica três representações da arquitetura moderna: modernismo programático, modernidade pragmática e modernidade corrente. Estas mesmas representações também estiveram presentes em Campinas, conforme mostram os exemplos a seguir.

Em consonância com as idéias de Warchavchik – que em 1927-28 executou a primeira casa modernista no Brasil, a Casa da Rua Santa Cruz, na Vila Madalena, em São Paulo, primeiro projeto a colocar em prática as propostas européias – Mario Penteadó, em 1934, projetou a primeira construção modernista de Campinas, à Rua Coronel Quirino. As duas propostas objetivavam a aproximação da nova arquitetura com a sociedade, por isso abriram-nas para visitação pública.

Outro movimento que esteve associado à modernidade no Brasil e em Campinas, com grande destaque, foi o movimento *Art Deco*, que no período de industrialização foi considerada símbolo do progresso e do desenvolvimento tecnológico: a verdadeira representação da modernidade. ZAKIA (2004, p. 149) relata sobre um dos principais representantes da produção campineira:

Primeira fase da obra de Mario Penteadó já analisada percebe-se um arquiteto ligado a vários estilos, com predominância do uso do neocolonial para residências e do *art decó* para os demais programas. A segunda fase é marcada por uma aproximação com a arquitetura moderna já então consolidada no país e consagrada internacionalmente desde a Exposição Brazil Buildings de 1944. Essa aproximação se traduz quase que na invenção de um “estilo moderno” com o emprego de elementos plásticos utilizados de forma recorrente pelos arquitetos modernos, tais como o pilar em V, cobertura de pouca inclinação com extensas meia-águas de telhas de fibro-cimento e, sobretudo, uma volumetria simplificada.

Neste período atuaram como Mário Penteadó, Eduardo Edargé Badaró, Carlos W. Stevenson, Engenheiros Lix da Cunha, Hoche Neger Segurado e Eduardo Kneese de Mello nas modificações arquitetônicas da cidade e sobretudo no bairro do Cambuí, local escolhido pelas elites locais para moradia a partir da década de 1930, e posteriormente no bairro Nova Campinas, na década de 1960.

A arquitetura moderna brasileira já consagrada apresentava características próprias como: o uso do concreto armado executado ainda de maneira artesanal, o racionalismo, a monumentalidade, a plasticidade, a simplicidade da forma e a riqueza ornamental. Tais características são observadas na arquitetura campineira como relata CARPINTERO (1996, p. 64):

É preciso registrar a construção, do edifício residencial Itatiaia, na rua Irmã Serafina junto ao jardim Carlos Gomes, com projeto de Oscar Niemeyer, de inegável qualidade plástica, e que atende a todos os princípios do movimento moderno em arquitetura, ou seja, pilotis, brise-soleil, janelas extensas, fachada livre.

Dentro da produção campineira com características da arquitetura moderna corrente, alguns edifícios residenciais e institucionais, destacam-se: Palácio dos Jequitibás - Rubens Carneiro Viana; (1), Edifício Residencial Itatiaia - Oscar Niemeyer (2); Centro de Convivência Cultural de Campinas - Fabio Penteadó (3), entre outros.



Palácio dos Jequitibás - Arquiteto Rubens Carneiro Viana - década de 60. Foto arquivo do MIS (Museu da Imagem e do Som) Campinas(1).



Edifício Residencial Itatiaia – Arquiteto Oscar Niemeyer - década de 50. Foto arquivo do MIS (Museu da Imagem e do Som) Campinas(2).



Centro de Convivência Cultural de Campinas –Arquiteto Fabio Penteadó – década de 60 Foto arquivo do MIS (Museu da Imagem e do Som) Campinas( 3).

Identificados os edifícios, depara-se com a maior dificuldade na discussão sobre a conservação da arquitetura moderna, justamente por suas próprias premissas, ao ser concebida com o objetivo de não ser perene, mas com a intenção de se adaptar às mudanças da vida contemporânea; as proposta de conservação e manutenção de sua configuração inicial são contrárias à sua concepção.

Passadas várias décadas de suas primeiras manifestações e distanciadas das críticas contemporâneas, a arquitetura moderna passa a ser vista como referência histórica. A partir de então se começa a considerar a preservação das obras que permaneceram e estão sob risco de desaparecimento; várias iniciativas foram realizadas e o Docomo passa a ser um importante instrumento neste processo.

É importante ressaltar que o Brasil foi o primeiro país a tombar uma construção moderna, a Igreja de São Francisco na Pampulha, em 1947, seguido dos processos de tombamento do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1948, da Estação de Hidro-aviões, em 1957, do Catetinho, em 1959, do Parque do Flamengo, em 1964 e da Catedral Metropolitana de Brasília, em 1967.

Frente a estas questões, o Centro de Convivência Cultural de Campinas é um exemplo das dificuldades ao se pensar em conservação da arquitetura moderna. Esta obra fora construída para suprir a necessidade de um teatro na

área central, tendo em vista que o Teatro Municipal Carlos Gomes fora demolido em 1965 por “motivos de segurança”, sendo que este mesmo teatro também fora construído em decorrência da demolição do Teatro São Carlos (1880-1922), alegando-se que sua demolição fora executada para a construção de um teatro maior, pois o anterior não suportaria o crescimento da população campineira.

Com a necessidade de um novo teatro na área central e a desapropriação de uma quadra ao lado da Praça da Imprensa Fluminense, Fábio Penteadó foi convidado a projetar o novo Teatro e Centro de Convivência Cultural de Campinas (inaugurado em 1976). No projeto unificou-se a praça e a quadra, antes separadas pela Av. Júlio de Mesquita implantando o edifício de forma radial. O programa do centro incluiu não apenas teatro, mas também salas de exposição, teatro de arena externo, entre outros itens projetados com o intuito de criar uma nova relação de escala e convívio com a cidade.

Desde os anos 1980, melhor dizendo desde sua inauguração, o teatro passa por problemas técnicos de manutenção, como relata o jornal *Correio Popular* – na reportagem – *Desabafo de um teatro*, de 12 de abril de 2008:

A vergonha doméstica do CCCC começou a ser exposta internacionalmente na abertura do Primeiro Festival de Teatro, em 1991 (...). Desta data para cá, lá se vão quase 20 anos. Ninguém deu bola todos passaram de largo, todos mascararam soluções, todos sem exceção, fizeram de conta que o administraram.

Em 2001, a função cultural do Centro de Convivência Cultural de Campinas foi tombada no processo dos imóveis da região do Cambuí – processo 013/01.

Sobre esta óptica dois conceitos de RIEGL (2006, p.48) evidenciam os cuidados com a preservação do Centro de Convivência Cultural de Campinas e dos demais teatros da cidade.

Valor de arte:

Segundo a concepção moderna, o valor de arte de um monumento é mensurado pela maneira como satisfaz as exigências da vontade artística moderna, que se não foram formuladas claramente e estritamente falando, não serão jamais, pois variam de indivíduo para indivíduo e de momento a momento.

Valor de antiguidade:

Sobre o ponto de vista da antiguidade – a atividade humana não deve precisamente visar uma conservação eterna dos monumentos criados no passado, mas constantemente buscar e evidenciar o ciclo da criação e destruição; esse objetivo será atingido mesmo que os monumentos existentes atualmente sejam substituídos.

No percurso da conservação dos teatros de Campinas, observa-se que ao se adotar o ciclo criação e destruição de uma obra como um tempo de vida da mesma, esta poderá ser substituída conforme o valor de arte do período em diálogo com as intenções dos indivíduos que constituem a sociedade local.

O tombamento nem sempre é a melhor solução à conservação de um edifício, segundo MENEZES (s/d), só é legítima a preservação que tem um alcance social. Desta forma, se já existe um reconhecimento do Centro de Convivência como ponto turístico da cidade, como importante centro de atividades culturais com qualidade de projeto, o qual cria uma inter-relação entre habitantes e cidade, torna-se essencial desenvolver a consciência social, por meio da educação patrimonial, para que o valor de antiguidade não acarrete uma terceira demolição de teatro e a substituição do Centro de Convivência Cultural por um edifício mais arrojado e contemporâneo, que esteja em maior diálogo com a sociedade campineira.

Como citado no próprio site da Prefeitura Municipal de Campinas (consultado em 01 de dezembro de 2008):

O diretor de Turismo também enfatiza que o Centro de Convivência é uma parte importante da história da cidade que está sendo desenvolvida à população com uma roupagem totalmente nova. "Ações como essa resgatam a memória de Campinas e a cidadania da população. Mas, se não houver um envolvimento maior dos cidadãos, todos os investimentos do poder público caem por terra", conclui.

### Referências bibliográficas

- BADARÓ, R. **Campinas, o despontar da modernidade**. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1996.
- BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- CARPINTERO, C. C. **Momento de ruptura: as transformações no centro de Campinas na década dos cinqüenta**. Campinas: Centro de Memória Unicamp, 1996.
- CARRILHO, M. J. **Lastimável estado da casa modernista após 20 anos de seu tombamento**. Trabalho institucional produzido pelo IPHAN. S/d.

DOCOMOMO [www.docomomo.com](http://www.docomomo.com). Acessado em 23/11/2008.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paul: Martins Fontes, 1997.

GOODWIN, P. **Brazil Building – Architecture new and old 1652-1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

MENEZES, U. B. **A preservação dos Acervos Contemporâneos**. s/d.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998

RIEGL, A. **O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese**. Goiânia: Ed. Da UCG, 2006.

ZAKIA, S. A. P. **Mario Penteadó: arquiteto e obra**. Dissertação de Mestrado apresentada na PUCCAMP, 2004.